

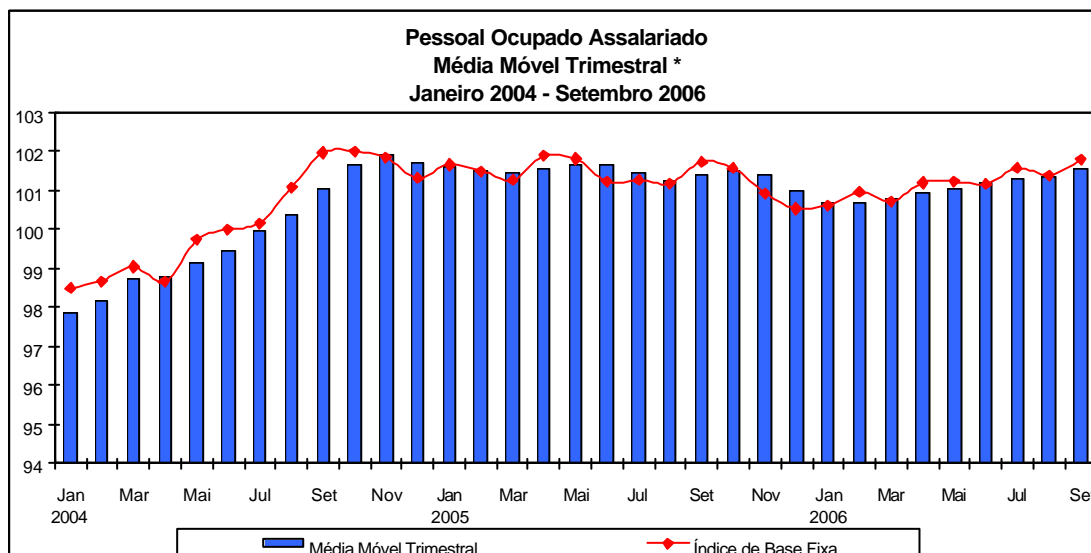


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O emprego industrial mostra acréscimo de 0,4% na passagem de agosto para setembro, na série livre de influências sazonais, após variação negativa de 0,2% entre julho e agosto. No confronto com setembro de 2005, a variação foi positiva (0,1%). No indicador acumulado no ano o resultado foi negativo (-0,3%) e o acumulado nos últimos doze meses (-0,4) ficou estável em relação a agosto. Nos indicadores trimestrais, o emprego variou positivamente tanto frente a igual período de 2005 (0,2%), como na comparação com o trimestre imediatamente anterior (0,4%) - série ajustada sazonalmente.

O indicador de média móvel trimestral aponta variação de 0,2% entre os trimestres encerrados em setembro e agosto, mantendo trajetória positiva desde o início de 2006 e acumulando nesse período um crescimento de 0,9%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

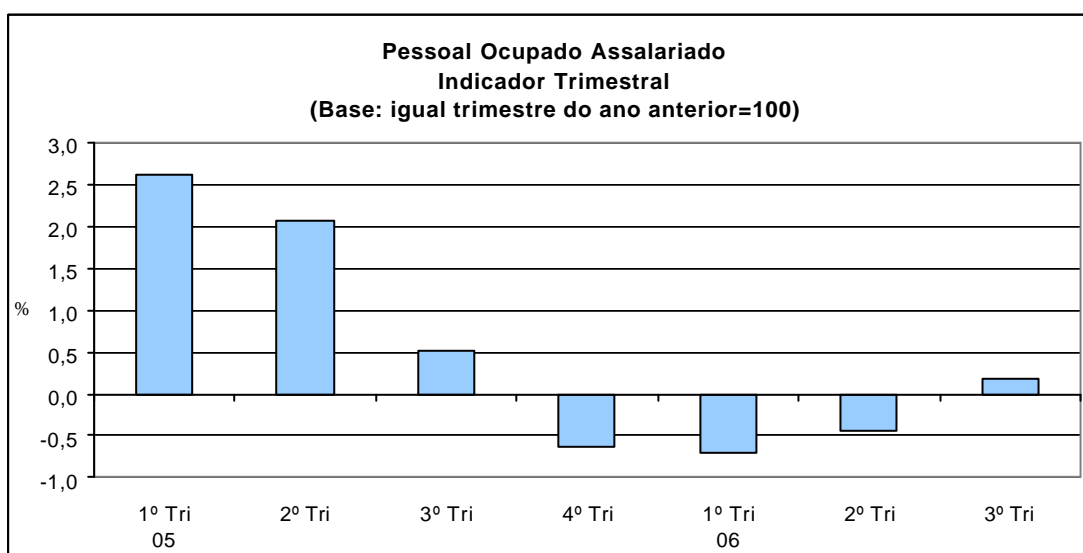
*série com ajuste sazonal

No índice mensal, oito das quatorze áreas e dez dos dezoito setores aumentaram o contingente de trabalhadores em relação a setembro de 2005. Região Norte e Centro-Oeste (10,1%), seguida por Nordeste (1,7%) e São Paulo (0,5%)

exerceram as pressões mais relevantes no resultado geral, com destaque, nos três locais, para o segmento de alimentos e bebidas. Por outro lado, as principais influências negativas vieram do Rio Grande do Sul (-8,7%), Minas Gerais (-1,3%) e Paraná (-1,5%).

Em nível nacional, os ramos que contribuíram com os maiores impactos positivos foram alimentos e bebidas (7,0%), refino de petróleo e produção de álcool (16,6%) e meios de transporte (2,4%). Em sentido contrário, calçados e artigos de couro (-13,6%), vestuário (-7,8%) e máquinas e equipamentos (-4,3%) exerceram as principais pressões negativas.

Nas comparações contra igual trimestre do ano anterior, o período julho-setembro assinala acréscimo de 0,2%, revertendo uma seqüência de três trimestres em queda. Entre os índices do segundo (-0,4%) e terceiro trimestres (0,2%), onze dos quatorze locais mostraram crescimento no número de pessoas ocupadas, com destaque para Pernambuco, que passou de 2,7% para 6,5%, desempenho diretamente associado à safra de cana-de-açúcar.



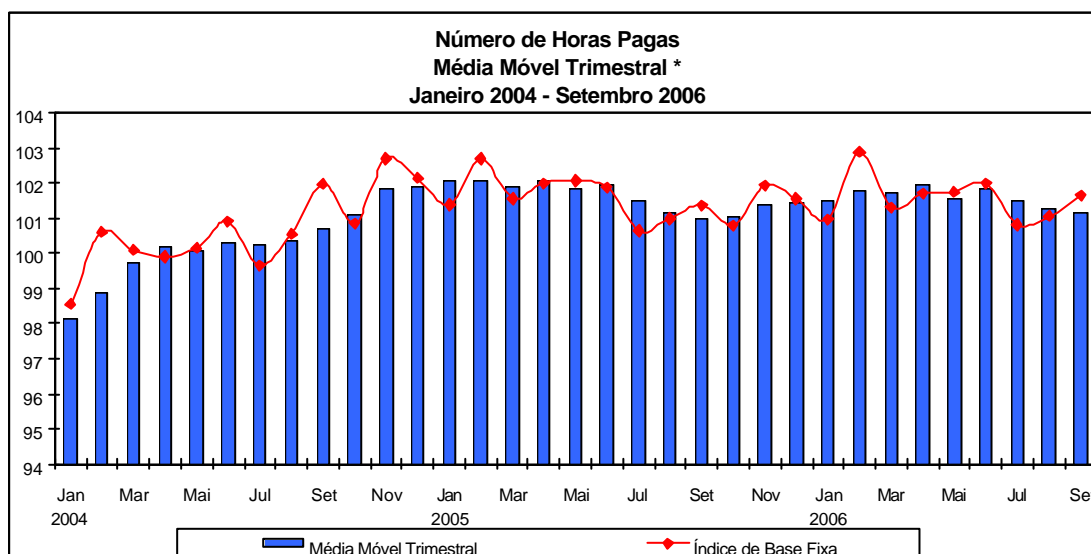
Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria

No indicador acumulado no ano o pessoal ocupado apresentou decréscimo de 0,3%, com oito locais e onze ramos contribuindo negativamente no índice geral. Em nível nacional, as principais pressões negativas vieram de calçados e artigos de

couro (-13,1%), máquinas e equipamentos (-7,6%) e vestuário (-5,4%). Entre os locais, Rio Grande do Sul (-8,9%), Paraná (-2,7%) e região Nordeste (-1,5%) exerceram os principais impactos negativos. Por outro lado, região Norte e Centro-Oeste (9,6%), São Paulo (0,7%) e Minas Gerais (1,0%) figuraram como as principais influências positivas na média global entre os locais, e alimentos e bebidas (8,1%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (13,2%), entre os setores.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em setembro, apresentou aumento de 0,6% em relação a agosto, na série livre de efeitos sazonais. Apesar deste resultado, o indicador de média móvel trimestral continuou negativo, recuando 0,1% entre os trimestres encerrados em setembro e agosto.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

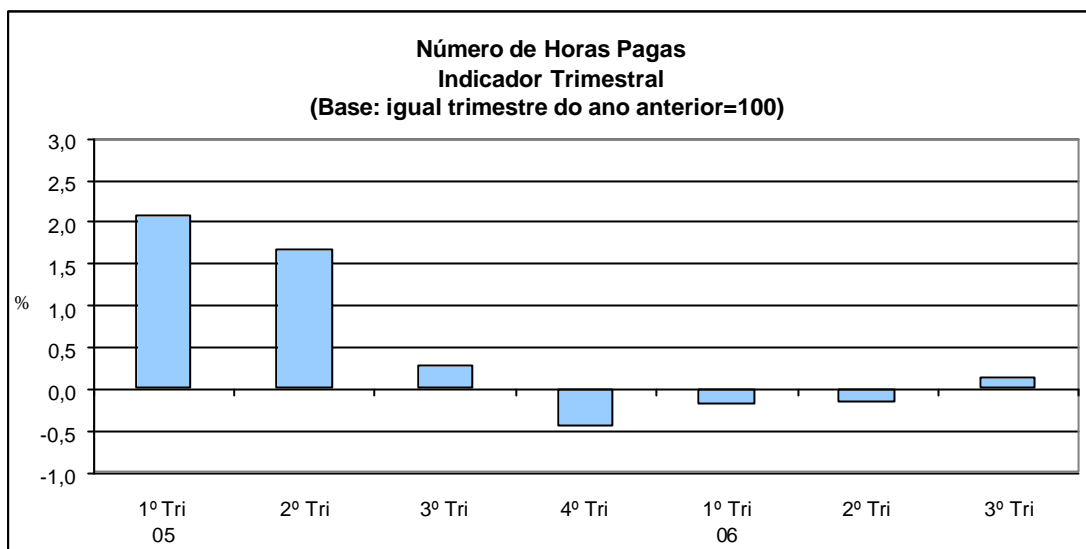
As comparações com iguais períodos do ano anterior registraram resultados diferenciados. Os indicadores mensal e trimestral assinalaram variações positivas de 0,3% e 0,1%, respectivamente. Já os indicadores para períodos mais abrangentes,

acumulado no ano e acumulado nos últimos doze meses, apresentaram variações negativas de 0,1% e 0,2%, respectivamente.

No confronto setembro 06 /setembro 05, o número de horas pagas apresentou variação positiva de 0,3%. Para este resultado, contribuíram positivamente oito dos quatorze locais e nove dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as maiores pressões vieram das indústrias de alimentos e bebidas (5,6%), refino de petróleo e produção de álcool (17,1%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,7%). Em sentido contrário, as atividades de vestuário (-8,5%) e calçados e artigos de couro (-8,2%) exerceram as principais pressões negativas.

Ainda na comparação mensal, os locais que assinalaram os maiores impactos positivos no resultado nacional foram região Norte e Centro-Oeste (9,2%), São Paulo (0,9%) e região Nordeste (2,5%). Na região Norte e Centro-Oeste, doze das dezoito atividades aumentaram o número de horas pagas, com destaque para alimentos e bebidas (25,3%), madeira (8,7%) e produtos químicos (17,4%). Em São Paulo, destacaram-se com os principais impactos positivos: outros produtos da indústria de transformação (14,7%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,9%). Na indústria nordestina o aumento mais expressivo veio de alimentos e bebidas (5,7%). Por outro lado, as principais influências negativas no índice nacional vieram do Rio Grande do Sul (-7,4%) e do Paraná (-2,6%), onde os segmentos de calçados e artigos de couro (-16,9%) e madeira (-18,1%) foram, respectivamente, os impactos negativos mais relevantes nestes dois locais.

Em bases trimestrais, frente a igual período do ano anterior, após três resultados negativos o número de horas pagas apresenta variação positiva no terceiro trimestre de 2006 (0,1%). Entre o índice do segundo e do terceiro trimestres, nove atividades e nove locais aumentaram suas taxas. No corte regional, os maiores avanços vieram dos estados do Rio de Janeiro, que passa de -1,1% para 2,3%; e Bahia (de 0,0% para 3,2%).

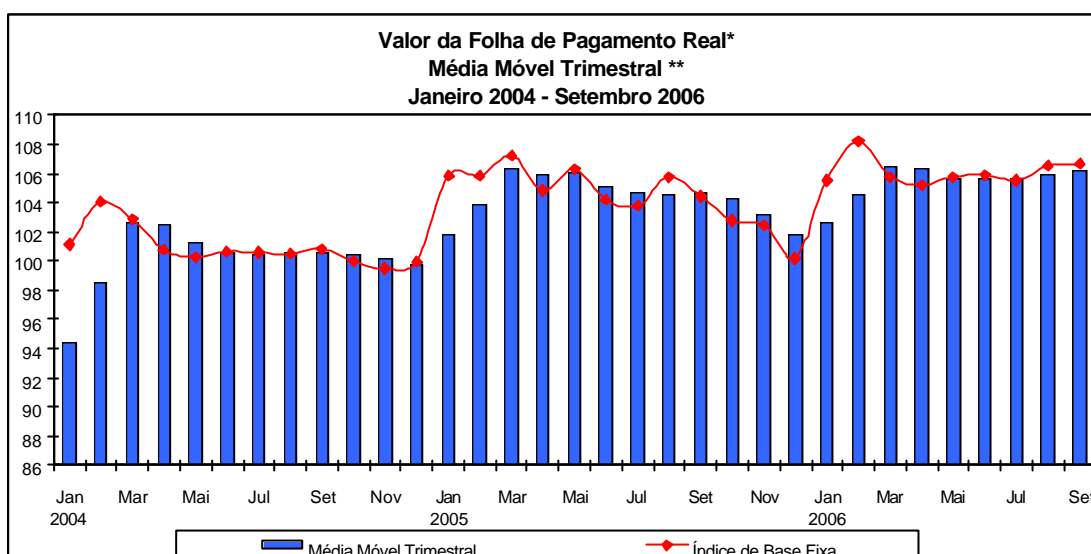


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no ano registrou variação negativa (-0,1%), em consequência da diminuição do número de horas pagas em sete locais e nove setores. Rio Grande do Sul (-8,0%), Paraná (-4,5%) e Santa Catarina (-3,2%) exerceram, respectivamente, as principais pressões negativas. Por outro lado, os maiores impactos positivos vieram da região Norte e Centro-Oeste (9,2%) e São Paulo (1,8%). No corte setorial, os principais decréscimos no total do país vieram das atividades de máquinas e equipamentos (-6,4%) e calçados e artigos de couro (-7,9%). Em sentido contrário, alimentos e bebidas (6,0%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,8%) foram as principais contribuições positivas.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em setembro, o valor real da folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, ajustado sazonalmente, apresentou ligeira variação positiva (0,1%) em relação ao mês imediatamente anterior, após crescer 1,0% entre julho e agosto. O indicador de média móvel trimestral registrou variação de 0,2%, terceiro resultado positivo consecutivo, período no qual acumulou 0,6%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*Deflacionado pelo IPCA - IBGE

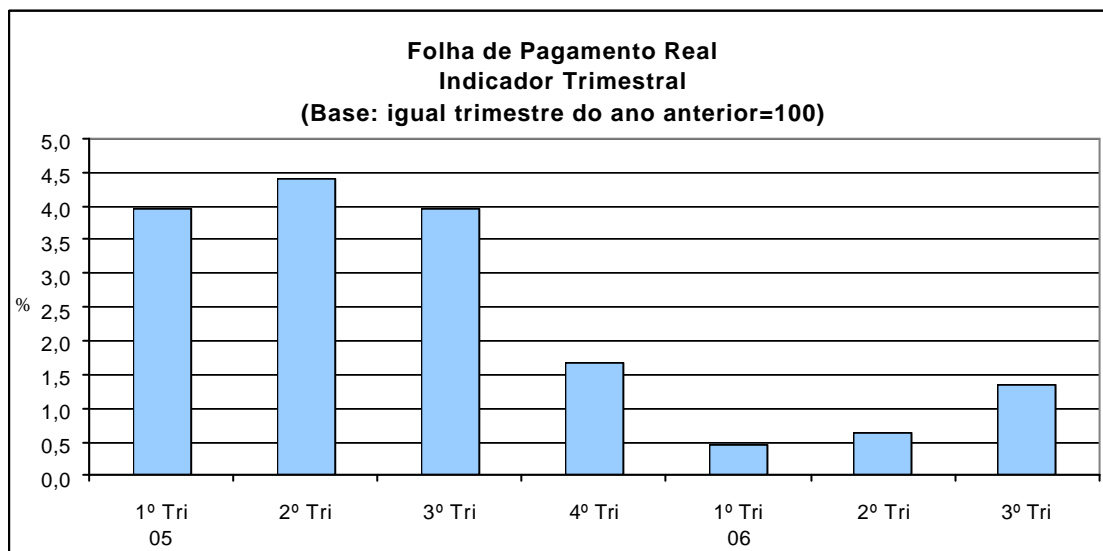
**série com ajuste sazonal

As comparações com iguais períodos do ano passado prosseguem positivas: 1,8% no índice mensal, 1,3% no terceiro trimestre, 0,8% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses (1,0%) mostra ligeira desaceleração frente a agosto (1,2%).

No indicador mensal, a folha real de pagamento mostrou acréscimo de 1,8%, com taxas positivas em onze dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva veio de São Paulo (1,5%), por conta, sobretudo, de produtos químicos (33,6%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (24,8%) e papel e gráfica (3,7%). Em seguida, Minas Gerais (7,7%), em função, principalmente, do aumento em metalurgia básica (13,7%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (43,9%) e indústria extrativa (17,1%); e região Nordeste (4,3%), em virtude de alimentos e bebidas (8,5%), refino de petróleo e produção de álcool (31,2%) e máquinas e equipamentos (23,7%). Por outro lado, as influências negativas mais significativas vieram do Rio Grande do Sul (-7,0%) e do Paraná (-3,5%), em função, respectivamente, da perda salarial em calçados e artigos de couro (-18,5%) e produtos químicos (-30,9%); alimentos e bebidas (-11,0%) e madeira (-18,5%).

Em termos setoriais, ainda neste tipo de comparação, o valor real da folha de pagamento ampliou-se em sete dos dezoito ramos investigados. Os maiores impactos positivos vieram de produtos químicos (15,2%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (19,7%) e indústria extrativa (8,7%). Em sentido oposto, as maiores reduções salariais vieram de máquinas e equipamentos (-9,9%), calçados e artigos de couro (-9,5%) e borracha e plástico (-4,5%).

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento, em relação ao mesmo período do ano anterior, mostrou incremento na passagem do segundo (0,6%) para o terceiro trimestre de 2006 (1,3%). Este movimento de expansão está presente em nove dos dezoito setores, com destaque para indústria extrativa, que passou de queda de 7,2% para aumento de 8,3%, metalurgia básica (de -2,1% para 1,5%) e meios de transporte (de 1,1% para 2,3%). Em termos regionais, dos sete locais que ampliaram o valor da folha de pagamento, vale destacar Rio de Janeiro, que passou de -4,0% para 3,7%, por conta, principalmente, da indústria extrativa (de -34,4% para



Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria (13,9%).

No acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou 0,8%, com resultados positivos em onze dos quatorze locais. As contribuições positivas mais relevantes vieram de Minas Gerais (7,9%), região Norte e Centro-Oeste (7,1%) e São

Paulo (0,5%) e, em sentido contrário, do Rio Grande do Sul (-8,1%) e Paraná (-4,9%). Setorialmente, produtos químicos (14,0%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (13,1%) e alimentos e bebidas (3,8%) exerceram as maiores influências positivas, ficando com máquinas e equipamentos (-12,8%), calçados e artigos de couro (-12,2%) e madeira (-10,5%) as principais pressões negativas.